

ASSIMILAÇÃO EM PASTORAL AMERICANA, DE PHILIP ROTH
ASSIMILATION IN AMERICAN PASTORAL, BY PHILIP ROTH

Isadora Goldberg Sinay¹

RESUMO

O artigo busca analisar a questão da assimilação no romance "Pastoral Americana", de Philip Roth. Ganhador do prêmio Pulitzer em 1997, o livro conta a história de Sueco Levov, um judeu assimilado cuja filha comete atos terroristas nos anos 60. A partir desse foco familiar, o autor explora a adaptação e rejeição do sonho americano por judeus de diversas gerações.

ABSTRACT

This article aims to analyse the question of assimilation in the novel "American Pastoral", by Philip Roth. Winner of the Pulitzer Prize in 1997, the book tells the story of Swede Levov, an assimilated Jew whose daughter committed terrorist acts in the 60s. Focusing on this family, the author explores the adaptation and rejection of the American dream by Jews of different generations.

Palavras Chaves: Judaísmo, Literatura Americana, Literatura Judaica, Philip Roth, Pastoral Americana

Key Words: Judaism, American Literature, Jewish Literature, Philip Roth, American Pastoral

¹ Graduada em cinema, Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) e doutoranda do programa de Estudos Judaicos e Árabes da FFLCH-USP

IDENTIDADE JUDAICA NOS ESTADOS UNIDOS

Philip Roth nasceu em 1933 em Newark, Nova Jersey. Filho de americanos e neto de imigrantes russos e poloneses, o escritor cresceu em uma cidade dominada por imigrantes italianos e irlandeses e em um bairro tão povoado por judeus que era quase uma “semi-Israel” (ROTH, 2013, p. 172).

Sua infância e adolescência foram um entrelaçamento entre o mundo americano do baseball, dos programas de rádio e da escola pública e o mundo judeu das aulas de hebraico, velas na sexta à noite e cozinha kosher. Seus pais, na tentativa de conciliarem adaptação e tradições tornaram-se “uma espécie de anteparo entre o velho mundo e o novo” (PIERPONT, 2015, p. 29).

Essa experiência dupla e, de certa forma, contraditória não foi exclusiva de Roth: boa parte da literatura judaica americana expressa um desejo conjunto de romper com a experiência europeia e ao mesmo tempo inserir-se em sua tradição literária (KRAMER IN: KRAMER E WIRTH-NESHER, 2003, p. 15). Para Kramer, a história da literatura judaica americana pode ser definida como uma tentativa de “olhar para trás, para as origens judaicas, e para frente, para os horizontes americanos” (IN: KRAMER E WIRTH-NESHER, 2003, p. 15).

Os horizontes americanos, porém, podem apresentar um desafio: como articular a identidade de origem com o sentimento de nacionalidade americano? Nos primeiros tempos da imigração imperava a ideologia do *Melting Pot*²: um caldeirão de culturas que, ao conviverem juntas, criariam algo novo e original (BATNITZKY, 2011, p. 166). No entanto, após a Segunda-Guerra, diversos judeus passaram a sentir uma pressão maior para que se “americanizassem” (HESCHEL IN: KRAMER E WIRTH-NESHER, 2003, p. 33) o que, face ao aniquilamento quase total do povo judeu, colocava-se como um risco.

² Termo que surge como título de uma peça de Israel Zanwgwill, judeu britânico, encenada pela primeira vez nos Estados Unidos em 1908, com presença do então presidente Theodore Roosevelt (WALD IN: KRAMER E WIRTH-NESHER, 2003, p. 50)

Segundo Heschel, a identidade judaica na América constrói-se sempre a partir de paradoxos: o mito americano da liberdade e autodeterminação permite aos judeus serem judeus, mas por outro lado coloca a questão: por que continuar sendo judeu quando se pode ser apenas americano? (HESCHEL, IN: KRAMER

E WIRTH-NESHER, 2003, p. 38). Ela nota ainda que, após a Segunda-Guerra, diversos judeus já assimilados sentiram uma necessidade de resgatar as tradições do Leste Europeu que corriam o risco de desaparecer. Contudo, ao fazerem isso, percebiam que uma conexão essencial com o judaísmo já havia se perdido (HESCHEL IN: KRAMER E WIRTH-NESHER, 2003, p. 40).

Batnitzky nota que, embora vários grupos imigrantes tenham sofrido uma pressão para se americanizar, no período entre guerras os judeus o sentiram especialmente (2011, p. 170). Nesse cenário, diversos pensadores judeus, como Abraham Joshua Heschel e Mordecai Kaplan, debruçaram-se sobre o possível significado de uma identidade judaica no cenário americano. Para ambos a assimilação se colocava como um prognóstico preocupante.

No prefácio de seu romance *Foco*, Arthur Miller conta que, durante a Segunda Guerra e mesmo durante os anos 50 e 60, sentia um desconforto da população em relação aos judeus, uma vontade de que eles fossem “como todo mundo” (2012, p. 10). Em outra obra, *Broken Glass*, Miller constrói uma metáfora para denunciar a paralisia que acomete os judeus quando eles tentam “desaparecer em meio aos *goyim*”³ (LEBOVIC, 2015, p. 1). No entanto, o próprio autor identificou-se muitas vezes como ateu ao invés de judeu (embora jamais tenha escondido suas origens) e falou de personagens seus, como os Lomans de *Morte de um Caixeiro Viajante*, como judeus longe demais da comunidade e religião judaica para poderem reivindicá-las como identidade (LEBOVIC, 2015, p. 1).

Tomar Miller como exemplo pode ajudar a esclarecer a relação conflituosa e paradoxal que os judeus estabeleciam com os Estados Unidos e vice-versa: se por um lado era possível, e mesmo esperado, que eles se misturassem na

³ Não-judeus

massa da população e isso os livrasse do indesejável antissemitismo, por outro, esse “desaparecimento” poderia causar uma sensação de alienação e estranhamento.

O JUDAÍSMO NA OBRA DE PHILIP ROTH

Roth, como foi dito anteriormente, foi criado por filhos de imigrantes. Seus pais, “americanos desde o primeiro dia” (PIERPONT, 2015, p. 29), frequentavam a sinagoga, acendiam velas às sextas feiras e mantinham uma cozinha *kosher*, porém menos por crença pessoal que para permitir as visitas dos avós. Quando criança, Philip Roth frequentou aulas de hebraico durante três anos, mas o centro de sua educação foi fornecido pela escola pública americana que empreendia um trabalho de assimilação e transformação social das populações imigrantes (PIERPONT, 2015, p. 33).

No entanto, em uma cidade como Newark, onde cada grupo vivia em um bairro quase exclusivo, organizados em enclaves, esse projeto encontrava um empecilho. A educação que Roth recebeu pode ter sido americana, patriótica e gentia, no entanto, seus professores, colegas e vizinhos eram todos judeus. Até sair de casa para a faculdade, a América conhecida por Philip Roth era essencialmente judia (PIERPONT, 2015, p. 41).

Sobre a obra de Roth, Timothy Parrish afirma que

Sua premissa é o conhecimento de que sua situação histórica como americano só é conhecida para ele através dos olhos de um judeu e descendente de judeus (2007, p. 127)

É a mesma afirmação que o autor faz sobre si mesmo em seu ensaio *Writing About Jews*: comentando seu conto *Epstein*, ele afirma que protagonistas judeus nunca foram uma escolha para ele, mas a única forma pela qual poderia contar histórias (ROTH, 2013, p. 157).

Roth é, então, um escritor judeu, ou mais precisamente um escritor judeu-americano. Sua literatura é moldada por ambas as identidades e, principalmente, pelo conflito entre elas. Como comenta Parrish: “é impossível falar sobre a americanidade de Roth sem falar sobre sua judaicidade” (PARRISH, 2007, p. 127).

Entretanto, sua relação com a comunidade judaica não foi sempre harmoniosa. Seu livro de estreia, *Adeus Columbus*, trazia uma novela e cinco contos que tratavam da identidade judaica e de seus conflitos internos. Em especial, as histórias tratavam da sensação de ruptura entre a experiência judaica americana e europeia.

Quase imediatamente, o livro causou ultraje entre muitos judeus e valeu a Roth uma condenação da Liga Antidifamação B'nai B'rith⁴ que emitiu um comunicado perguntando “o que está sendo feito para calar esse homem?” (PIERPONT, 2015, p. 17). As histórias que causaram maior revolta foram “A Conversão dos Judeus” e “Epstein”, a primeira um conto justamente sobre a questão da “dupla lealdade” e das imposições contraditórias que a identidade judaica poderia colocar. O segundo é uma história de adultério cujo protagonista vem a ser judeu, mas que pareceu aos críticos de Roth um alimento para o antissemitismo. Em um debate na Universidade Yeshiva de Nova York foi perguntado ao escritor: “Sr. Roth, o senhor escreveria as mesmas histórias que escreveu se vivesse na Alemanha nazista?” (PIERPONT, 2015, p. 27)

Em resposta, Roth escreveu dois ensaios que refletiam sobre o papel do judaísmo em sua obra e na literatura em geral: *Some New Jewish Stereotypes and Writing About Jews*⁵. Em ambos ele se posiciona contra a opção de tornar-se “mais agradável” aos gentios, seja por meio do comportamento exemplar (como advogava a B'nai B'rith) seja através da construção de uma nova imagem de judeus fortes e combativos (que ele identifica no romance *Exodus* de Leon Uris).

⁴ Atual Liga Anti-Difamação, é uma organização judaica internacional com base nos Estados Unidos que busca combater o antissemitismo e defender os ideais democráticos.

⁵ Ambos presentes na coletânea de ensaios *Reading Myself and Others* encontrada nas referências bibliográficas desse artigo

Seu romance que trata mais diretamente do antissemitismo é *O Complô Contra a América*, de 2004. O livro constrói uma história alternativa em que, nas eleições de 1942, em vez de Franklyn D. Roosevelt, Charles A. Lindbergh foi eleito presidente. Baseado em declarações reais de Lindbergh, Roth imagina uma América isolacionista e que caminha cada vez mais na direção de políticas antissemitas. Mas há uma diferença crucial no pesadelo sonhado por um judeu americano: a violência não vem na forma de políticas de extermínio, mas de assimilação forçada.

O governo de Lindbergh cria dois programas, “Gente como a Gente” e “Projeto Boa Vizinhança”, para estimular a mistura entre judeus e gentios e os ensinar a serem mais americanos (ROTH, 2005, p. 188). A família Roth (foco do romance) luta ao longo dos anos de governo pela possibilidade de seguirem sendo tanto judeus quanto americanos, uma vez que abandonar qualquer uma das identidades é inimaginável para eles.

Considerando tudo isso, Philip Roth pode ser visto como um escritor judeu-americano para quem ambas as origens são igualmente importantes e, mais que isso, definem-se mutuamente. Roth é um judeu que não pode deixar de ser judeu e para quem a ameaça de desaparecimento assume menos a face do total extermínio (improvável no contexto dos Estados Unidos) que de uma gradual absorção na identidade “padrão”. A assimilação é uma ameaça real para o judaísmo americano e para o autor, ainda que o pertencimento a comunidade judaica não seja sem complicações.

A PASTORAL AMERICANA

Pastoral Americana é considerado muitas vezes como a obra-prima de Philip Roth. Lançado em 1997, o livro ganhou o prêmio Pulitzer e foi adorado pela crítica. É um romance longo, realista, complexo, de frases extremamente bem acabadas e extensas (PIERPONT, 2015, p. 301).

É também um romance claramente americano e que parece se inserir mais na tradição da literatura americana gentia que na da literatura judaica. Há pouco de Bellow, Malamud ou Norman Mailer (influências recorrentes de Roth) aqui, e muito de John Updike e Scott Fitzgerald (PIERPONT, 2015, p, 300).

Seu protagonista, Sueco Levov, é um homem comum, simples, um “americano normal”. Diferente dos tipos neuróticos, intelectuais, atormentados e ostensivamente judeus que Roth costuma criar, o Sueco é o mais próximo que o autor consegue chegar de Coelho Armstrong⁶ (PIERPONT, 2015, p. 296). Mas há também muito de Gatsby no Sueco: o homem que tenta moldar a si mesmo, reconstruir sua história e acaba, por causa disso, atraindo a tragédia.

A história que o Sueco tenta reconstruir é a de si mesmo como americano e judeu. Nascido Seymour Irving Levov, ele se tornou um ídolo de sua escola de ensino médio por duas façanhas: ser ótimo em esportes e se parecer com “um americano” (ROTH, 1997, p. 3). Já no primeiro parágrafo, seu rosto é chamado de “anômalo” (ROTH, 1997, p.3) e Pierpont, ao comentar o livro, afirma que a própria existência do Sueco é vista como uma façanha assimilativa (2015, p. 292). Diferentemente de todos os seus colegas de escola, Sueco Levov nasceu para se integrar a América.

Mesmo seu apelido é algo significativo: Sueco era um apelido relativamente comum para garotos altos, loiros, de olhos azuis. Sua aparência física, seu apelido “viking”, seus traços quase germânicos são um assombro para uma comunidade judaica durante a Segunda Guerra Mundial (Pierpont, 2015, p. 292). O apelido de Seymour Levov o leva ainda mais perto da América de descendência nórdica e anglo-saxã, o coloca ainda mais no caminho da assimilação. O nome foi inspirado em um personagem real da Weequahic High, escola de ensino médio onde Roth estudou: nos anos 30, Sueco Masin foi uma estrela do futebol e seguia famoso dez anos depois, quando o escritor estudou lá. (Pierpont, 2015, p. 291)

⁶ Protagonista da série “Coelho”, tetralogia de John Updike, que representa quase um estereótipo e um mito do “americano comum”

Roth, contudo, não tomou mais do que o nome e a fama atlética do personagem real, mas diz que esse foi o ponto de partida da história: tudo que o nome Sueco evocava e sua incongruência com o universo de uma escola judaica.

A história de Sueco Levov, no entanto, não é contada em primeira pessoa, mas através de Nathan Zuckerman, o mais famoso dos alteregos de Philip Roth. Zuckerman foi colega de classe de seu irmão, Jerry, muito mais parecido com as dezenas de garotos judeus da escola.

Zuckerman começa sua narrativa com os anos de glória do Sueco, em um capítulo chamado “O Paraíso Relembrado”. Os triunfos no esporte, a forma como ele se casou com uma garota católica e ganhadora do Miss Nova Jersey, a herança da fábrica do pai (apesar de suas ressalvas ao casamento), são o material desse paraíso vivido nos anos 40 e 50. As lembranças são ativadas por uma carta que ele recebe do Sueco em uma tarde de 1995, chamando-o para um almoço.

O escritor vai ao almoço com seu antigo ídolo adolescente e durante a conversa, embora nada de estranho venha à tona, algo lhe parece esquisito. Meses depois, em um encontro com Jerry, Nathan descobre que, em 1968, a filha do Sueco explodiu uma agência do correio na pequena cidade em que moravam, matando uma pessoa.

O que se segue não é um relato da realidade, mas o que Zuckerman imagina ter acontecido com a família aparentemente tão perfeita. Os capítulos seguintes, *A Queda e Paraíso Perdido*, são, segundo Shechner, “Uma descida ao pior círculo do inferno que Roth pode sonhar para os que não refletem: a auto-reflexão” (PARRISH, 2007, p. 143).

A presença de Nathan Zuckerman, e o fato da narrativa apresentada não ser mais que uma criação sua, é extremamente relevante. Zuckerman, o intelectual, é convocado para contar a história do Sueco, alguém bem pouco intelectual. O acadêmico e escritor é capaz de dar aos acontecimentos uma dimensão de análise histórica que o atleta não poderia. Aos olhos de Nathan, a

filha terrorista se torna uma parábola, uma narrativa exemplar dos sonhos e riscos envolvidos no processo de se tornar americano (PIERPONT, 2015, p. 292).

Shechner define *Pastoral Americana* como um livro de pesadelos (IN: PARRISH, 2007, p. 143), um livro em que o sonho americano se distorce e demonstra sua pior faceta. Para Pierpont, é um romance sobre “a loucura assassina americana” (2015, p. 289) e para o próprio Roth é uma história sobre “um homem bom” e a tragédia que necessariamente decorre dessa bondade (PIERPONT, 2015, p. 291). Em comum, todas essas interpretações reconhecem no livro a queda, a história de algo que, em algum momento, dá errado.

Em *Adeus, Columbus*, Roth já havia abordado com um olhar ácido o tema dos judeus bem-sucedidos, que viviam em casas grandes em subúrbios gentios. Ali, a comédia provinha justamente do excesso de esforço e da artificialidade: para serem *góis* precisavam ser mais *góis* do que os *góis*. As refeições são pantagruélicas, o gosto por esportes é quase uma religião e a ênfase do Sr. Patimkin⁷ em como é um *self made man*⁸ chega a ser exaustiva. Saul Bellow chamou o livro de “um reflexo verdadeiro da vacuidade espiritual” que acometia muitos dos judeus de classe média alta na América (PIERPONT, 2015, p. 25).

Em *Pastoral Americana*, o mesmo tema assume uma dimensão trágica. Há no Sueco o mesmo exagero que nos Patimkin: ele também precisa aderir as convenções e ao sonho americano com uma força descomunal. O que o Sueco quer é ser Johnny Semente de Maçã⁹, que, em sua cabeça, não era um judeu, ou católico irlandês, ou um protestante, mas apenas “um americano feliz” (ROTH, 1998, p. 282).

A imagem mítica do pioneiro se reflete em seu apego a terra, ao seu pequeno pedaço de América que é a casa no subúrbio. Há uma passagem

⁷ *Adeus Columbus* tem como protagonistas Neil Klugman e sua namorada Brenda Patimkin. A casa da família dela é o cenário e boa parte da narrativa.

⁸ O homem que se faz por si mesmo, pilar da cultura americana

⁹ Uma figura história americana: no século XVIII, Johnny Semente de Maçã foi um pioneiro e missionário que trouxe macieiras para boa parte do norte dos Estados Unidos. Já em vida ele se tornou uma lenda devido a sua generosidade e comprometimento com a pátria, hoje representa o espírito americano do pioneiro e de conquista da terra.

especialmente expressiva na qual o Sueco caminha de volta do mercadinho da cidade para sua casa:

e caminhava todo o trajeto de volta para casa, passando pelas cercas brancas dos pastos que adorava, os campos de feno ondulante que adorava, os milharais, os campos de tulipa, os celeiros, os cavalos, as vacas, os poços, os riachos, as fontes, as cachoeiras, os agriões, os juncos lustrosos, os prados, acres e acres de mata que adorava com todo o amor infantil pela natureza (ROTH, 1998, p. 284)

Comparemos esse trecho com quando sua filha, Merry, faz o mesmo caminho:

passando pelos estábulos, os cavalos, as vacas, os tanques, os córregos, as nascentes, as cachoeiras, os agriões, os juncos ásperos (“Os pioneiros, mamãe, usavam os juncos para esfregar vasos e panelas”), os prados, acres e mais acres de mata que ela detestava, vindo da vila, seguindo o trajeto alegre e animado do seu pai, ao estilo de Johnny Semente de Maçã, até que, no momento em que as primeiras estrelas estavam surgindo, Merry chegava aos bordos de cem anos, que ela detestava, e à sólida e antiga casa de pedra na qual vivia a sólida família, também marcada pela existência de Merry, e que ela também detestava. (ROTH, 1998, p. 375)

Merry é o oposto exato do Sueco. Mesmo filha de uma ex-Miss e um belo jogador de futebol, é uma criança feia. Desde pequena, ela apresenta uma gagueira incapacitante, não é uma boa aluna, nem especial de nenhuma forma. Ao contrário, tudo que Merry faz parece falho de algum jeito e tanto a mãe quanto a própria criança sentem que ela parece destinada a falhar na mesma medida em que seu pai é bem-sucedido em tudo que tocou. Há, de partida, uma incompreensão essencial desse pai para com a filha, a incompreensão daqueles para quem muito foi dado e confundem sua sorte com o jeito de ser do mundo (PIERPONT, 2015, p. 291).

Merry vê o mundo como essencialmente falho. Na adolescência, ela se envolve com grupos radicais, é uma marxista ferrenha e ataca todos os valores americanos que o pai tanto adora até terminar com o ato terrorista que precipita a família no abismo. A garota é, claro, um produto de seu tempo. Nos anos 60, os Estados Unidos voltam-se para si mesmos, para a ideologia ingênua e mitológica comprada por milhões de Suecos (SHECHNER IN: PARRISH, 2007, p. 144).

Mas para Shechner, Merry é fruto de mais do que os anos 60: ela é o pior

pesadelo de seu pai, um fruto da cultura judaica. Ela é, ele nota, semelhante ao seu avô, Lou Levov, na violência de suas convicções e na incapacidade para se integrar. Para Pierpont, enquanto o Sueco vive na América “do mesmo jeito que vivia dentro da própria pele” (p. 299), Merry se sente deslocada, mal encaixada, aquele país não lhe pertence e ela o odeia por isso. Para a autora, a tragédia do Sueco se dá em parte porque sua “façanha assimilativa” não se estende a filha (p. 300). Omer-Sherman nota que *Pastoral Americana* é um livro “sobre as perdas de se tornar o ‘Sueco’” um judeu que perdeu todos os vestígios de sua identidade judaica. (ROYAL, 2005, p. 192)

Em *Modernidade e Ambivalência*, Bauman parte da observação de que muitas das críticas mais contundentes feitas a modernidade partiram de judeus. Ele elenca Kafka, Marx e Freud como exemplo e analisa que as pressões exercidas pelo processo de assimilação tornaram certas contradições das sociedades em que viviam mais claras para os judeus. (2015, posição 2242) Merry seria então, tanto para Bauman como para Schechner, apenas mais um caso de uma longa tradição. A revolta, a combatividade, mesmo o marxismo, são, tanto para Bauman como para Shechner, profundamente judeus.

Bauman nota que a assimilação, ao exigir uma violência profunda contra si mesmo e suas raízes e uma adesão quase cega aos ideais da sociedade em que deseja integrar-se, produz desolação e desenraizamento. Ele identifica ainda, no projeto de assimilação, “o sonho moderno da uniformidade” e o “moderno horror à diferença” (2015, posição 2995). Ser igual, perfeitamente igual a todas as casinhas de subúrbio, é precisamente o que o Sueco deseja e o que Merry mais rejeita.

Shechner chama Merry de “uma vítima da mediocridade de seu pai, da cegueira de sua mãe e do conforto burguês sólido e nada reflexivo de Old Rimrock”¹⁰ (IN: PARRISH, 2007, p. 146). Mas ele traça suas origens mais além:

Merry Levov vem de algum lugar, afinal. Não de Old Rimrock, mas de Newark, da Polônia, da Rússia revolucionária, da Diáspora Askhenazi, de Massada mesmo (IN: PARRISH, 2007, p. 147)

Ao desejar ser alguém sem raízes, sem identidade, um “Johnny Semente

¹⁰ Cidadezinha de subúrbio onde vive a família Levov.

de Maçã” a conquistar novas fronteiras, o Sueco atrai sua própria desgraça. Ao ser um homem bom, e esperar que o mundo fosse igualmente bom, em um universo tão violento quanto é o de Philip Roth, ele se destina a cair como Jó: não são gratuitas as alusões bíblicas nos nomes dos capítulos. Merry, a filha terrorista, é a consequência de sua vontade ilimitada de ser um americano. Roth, na voz de Zuckerman, comenta:

Ele aprendera a pior lição que a vida pode ensinar – que ela não faz sentido. E quando isso acontece, a felicidade nunca mais é espontânea. É artificial e, mesmo então, obtida ao preço de um tenaz alheamento de si mesmo e da própria história. (1998, p. 75)

Merry é o produto desse alheamento. Nas palavras de Shechner, ela é “o inconsciente judaico de seu pai; ela é o retorno do reprimido” (PARRISH, p. 147).

Bauman diz:

O Projeto assimilatório da modernidade deu à luz seus próprios covéis. Montou inadvertidamente o palco onde seria encenado o drama da cultura moderna (2015, pos. 3000)

Pastoral Americana é esse drama da cultura moderna encenado em casas de subúrbio onde habitam judeus assimilados. Philip Roth, um patriota confesso (PIERPONT, 2015, p. 289), é ao mesmo tempo um crítico contumaz de projeto de uniformidade e da adesão sem críticas à americanidade que ele parece promover. Roth, por mais americano que seja, sabe que há um lado obscuro da América, e critica-o com precisão.

Parrish comenta que Roth é o exemplo de um fenômeno da literatura americana pós Segunda-Guerra em que, quanto mais étnico é o trabalho de um autor, ao mesmo tempo mais americano ele é. *Pastoral Americana* é ao mesmo tempo seu trabalho mais judeu e mais americano e uma reflexão sobre o custo do abandono de qualquer uma destas identidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATNITZKY, Leora, *How Judaism Became a Religion*, Princeton: Princeton University Press, 2011, edição digital

BAUMAN, Zygmunt, *Modernidade e Ambivalência*, Rio de Janeiro: Zahar, 2015, edição digital

KRAMER/WIRTH-NESHER, Michael P./Hana (org.), *The Cambridge Companion to Jewish American Literature*, Cambridge: Cambridge University Press, 2003

LEBOVIC, Matt, *For Arthur Miller's 100th: To Jew or not to Jew?*, The Times of Israel, Jewish Times, Jerusalem, 20/10/2015, disponível em:

<http://www.timesofisrael.com/for-arthur-millers-100th-to-jew-or-not-to-jew/>

MILLER, Arthur, *Foco*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012

PARRISH, Timothy, *The Cambridge Companion to Philip Roth*, Nova York: Cambridge University Press New York, 2007, edição digital

PIERPONT, Claudia Roth, *Roth Libertado: O Escritor e seus Livros*, São Paulo: Companhia das Letras, 2015

ROTH, Philip, *American Pastoral*, Nova York: Vintage International, 1997

_____, *O Complô Contra a América*, São Paulo: Companhia das Letras, 2005

_____, *Goodbye, Columbus*, Nova York: Vintage International, 1993

_____, *Pastoral Americana*, São Paulo: Companhia das Letras, 1998

_____, *The Plot Against America*, Nova York: Vintage International, 2004

_____, *Reading Myself and Others*, Toronto: Doubleday, 2013, edição digital